

Teorias fundadoras da Semiótica Narrativa

(The pioneering theories of Narrative Semiotics)

Aline Aparecida dos Santos

Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara – Universidade Estadual
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

aline.aaps@gmail.com

Abstract: We know that the Greimasian Narrative Semiotics originated in part from formalist studies of folklore and in part from structural literary studies. We start from the need to seek these two sources that promoted the development of the theory in question. In order to deepen the studies in relation to the origins of Narrative Semiotics, we will present an overview of the main studies that have influence on the development of the reasoning in the works written by the semiotician A. J. Greimas.

Keywords: Narrative Semiotics; epistemology; Greimas; Propp.

Resumo: Sabemos que a Semiótica Narrativa de origem greimasiana originou-se em parte dos estudos formalistas do folclore e em parte dos estudos literários estruturais. Partimos, então, da necessidade de buscar, nessas duas fontes originárias, os indícios que promoveram o desenvolvimento da teoria em questão. Com o intuito de aprofundar os estudos em relação às origens da Semiótica Narrativa, traçamos um panorama dos principais estudos que tiveram influência no desenvolvimento do raciocínio do semioticista A. J. Greimas.

Palavras-chave: Semiótica Narrativa; epistemologia; Greimas; Propp.

Introdução

O semioticista lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992), em meados dos anos 1960, iniciou seu projeto sob os auspícios, de um lado, do estruturalismo linguístico europeu e, de outro, dos estudos de folclore. Essa convergência marcou o desenvolvimento da teoria Semiótica especialmente no que diz respeito à sua dimensão narrativa, que é a primeira dimensão de concreta articulação do sentido e um dos níveis de análise mais explorados na reflexão greimasiana, sobretudo até meados dos anos 1980.

Com o intuito de compreender as origens do pensamento greimasiano traçamos um panorama dos autores cujas ideias convergiram para a hipótese de que existem formas universais de organização narrativa. Em nossa busca, encontramos nomes que são recorrentes em trabalhos sobre o tema das origens da Semiótica Narrativa. Entre eles estão: A. Jolles, A. Dundes, T. Todorov, R. Barthes, C. Bremond e principalmente trabalhos que remetem às contribuições de V. Propp e Lévi-Strauss.

Podemos falar, cronologicamente, em duas fases que caracterizaram as origens da Semiótica Narrativa: a primeira ocorreu nas décadas de 1920 a 1930 em que os primeiros estudos formalistas foram publicados: de V. Propp, de A. Jolles e de B. Tomachevski. A segunda ocorreu nas décadas de 1960 a 1980 e foi quando esses trabalhos foram retomados e A. Dundes (ainda formalista), T. Todorov, C. Bremond, C. Lévi-Strauss, R. Barthes e o próprio A. J. Greimas criaram modelos baseados no pensamento estruturalista em

voga, leram-se e criticaram-se contribuindo, assim, para o desenvolvimento da teoria e do método de análise estrutural da narrativa.

Nosso objetivo é refletir sobre os estudos desses autores, com foco em excertos considerados relevantes contidos em diversas obras sob os cuidados de variados autores e de certa maneira, sistematizar e centralizar essas reflexões. Cabe salientar que neste trabalho nos deteremos às teorias e autores que tiveram em comum o raciocínio formalista ou estruturalista e cujas contribuições são passíveis de serem reconhecidas na obra greimasiana.

Os formalistas, os estruturalistas e suas contribuições

Os formalistas

Sabe-se que V. Propp foi o primeiro estudioso a demonstrar a necessidade e a possibilidade de elaborar-se um modelo teórico-científico para o estudo da narrativa. Segundo Meletínski (2010, p. 158), “Antes de Propp, dominavam as concepções atomísticas: tanto os motivos, como o enredo em seu conjunto, eram considerados como mônadas narrativas indecomponíveis”. As principais obras de Propp, *Morfologia do conto maravilhoso* (1928) e *As raízes históricas do conto maravilhoso* (1946), são partes complementares de uma mesma pesquisa que, segundo o autor, considerou o texto folclórico em três aspectos: do ponto de vista da sua estrutura, da sua relação genética com o rito e do seu funcionamento na sociedade. Propp (1980) foi pioneiro ao definir uma estrutura narrativa composta de funções que ocorrem em sucessão temporal de ações, agrupadas assim em esferas de ações definidas que formam um todo uniforme.

Entretanto, Propp não foi o único estudioso que se dedicou a buscar as regularidades narrativas. Ele mesmo citou Joseph Bédier e sua obra *Les Fabliaux* (1964 [1893]) como o precursor da análise formal da narrativa por meio da comparação de várias versões do mesmo conto reconhecendo elementos variáveis e invariáveis. Podemos citar pelo menos outros dois estudos contemporâneos a Propp, mas que não tiveram relação entre si: o de A. Jolles e o de B. Tomachevski.

O folclorista holandês (naturalizado alemão) A. Jolles lançou sua obra *Formes simples* (1929) com o objetivo de estudar narrativas sem autor definido cujas formas são enraizadas na linguagem e que se originam, segundo o autor, de disposições mentais básicas do homem face ao mundo e à vida. Jolles identificou nove formas simples, (lenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste) que se opõem às formas artísticas que delas seriam derivadas. As formas simples caracterizam-se por serem grandes, contínuas e abertas ao contrário das literárias que são pequenas, fixas e fechadas. Segundo Meletínski (2010), Propp demonstrou, ao contrário de Jolles, que a especificidade do conto de magia não residia nos motivos, mas em algumas unidades estruturais em torno das quais os motivos se agrupam.

Na monografia de A. Jolles [...] o conto ainda é considerado como mônada indecomponível, como uma primeira “forma simples”, e a especificidade de gênero das formas simples provém de representações diretamente incluídas na própria língua. O conto maravilhoso, para Jolles, responde ao nível ideal do modo optativo (do desejo). Correlativamente, a lenda está ligada ao imperativo e o mito ao modo interrogativo. (MELETÍNSKI, 2010 p. 163-164)

Outro formalista contemporâneo a Propp que contribuiu para os estudos da narrativa, mas que tomou por objeto a literatura é o russo B. Tomachevski, que publicou seu método formal sob o título de *Temática* (1925). Segundo o autor, os textos literários são elaborações de um tema que pode ser descrito de maneira temporal ou causal, respectivamente caracterizando a trama e a fábula da narrativa. Definiu uma tipologia para as motivações que colocam o texto em movimento, classificando os motivos em dinâmicos ou estáticos de acordo com a função que exercem na narrativa.

É somente a partir da tradução e disseminação da obra proppiana na década de 1960, que surgiram as primeiras críticas e teorias baseadas no modelo de V. Propp. O folclorista estadunidense A. Dundes, por exemplo, baseou-se nos estudos proppianos. Em *Morfologia e estrutura no conto folclórico* (1996 [1962]), Dundes analisou narrativas folclóricas e criou uma tipologia própria na qual a unidade narrativa é o motivema e as narrativas devem ter no mínimo uma sequência bimotoivêmica que corresponde a uma situação em desequilíbrio rumo ao equilíbrio.

Ainda nos anos 1960, o linguista búlgaro T. Todorov lançou a obra *As estruturas narrativas* (1968), cujo objetivo foi a partir de um método de análise que tem a gramática como metáfora, criar uma nova disciplina que desse conta de todos os tipos de relato, a qual chamou de Narratologia. Apesar de permanecer no nível frasal, o autor contribuiu para a aproximação dos estudos narrativos com a linguística.

T. Todorov representa um elo vivo entre o formalismo russo e o estruturalismo francês. Ele foi o grande divulgador das ideias formalistas. A principal intenção de Todorov era a de levar adiante certas reflexões formalistas e atualizá-las à luz da linguística contemporânea. Tomando a literatura como objeto, ele pretendia desenvolver uma gramática na qual seria possível classificar as estruturas narrativas que existem subjacentes a toda narrativa. Entre suas principais influências formalistas estão Propp, Chklóvski e Eikhenbaum: “Os formalistas continuam sendo minha fonte de inspiração mais direta e ainda os considero como a corrente mais notável de crítica literária que tenhamos conhecido” (TODOROV, 2008, p. 18). O autor ainda afirma que o mérito dos estudos formalistas é a profundidade e a finura de suas análises concretas e que o principal defeito é a falta de rigor científico.

Sobre a classificação das obras, questão central da obra de Todorov, ele afirma:

A experiência das classificações tentadas em linguística e em história literária leva a colocar alguns princípios de base. Primeiramente, a classificação deve ser tipológica e não genética, as semelhanças estruturais não devem ser procuradas na influência direta de uma obra sobre outra. [...] É preciso, em seguida, levar em conta o caráter estratificado da obra literária. O principal defeito das tipologias propostas em história literária, sob a influência da história da arte, é que, apesar de construídas a partir de um único e mesmo plano, são aplicadas a obra e até mesmo a períodos inteiros. Ao contrário, a tipologia linguística confronta os sistemas fonológico, morfológico ou sintático, sem que as diferentes abordagens coincidam necessariamente. A classificação deve pois seguir a estratificação do sistema em planos e não em níveis (obras). Enfim, a estrutura pode estar manifesta tanto nas relações entre as personagens, quanto nos diferentes estilos de narrativa, ou no ritmo. (TODOROV, 2008, p. 41)

E finaliza dizendo que “O defeito fundamental desses estudos é ignorar a existência de dois sistemas diferentes de significação (denotativo e conotativo) e tentar a interpretação da obra diretamente a partir do sistema linguístico” (TODOROV, 2008,

p. 50). Ele afirma que o formalismo é uma resposta à teoria literária e dentre suas principais características metodológicas ressalta:

- (1) Dimensão interna do texto;
- (2) Coerência da forma;
- (3) Consciência do ponto de vista;
- (4) Gêneros devem ser analisados em seu sistema;
- (5) Ideia de funcionamento;
- (6) Noção de organização.

A partir do encontro com a linguística do Círculo de Praga, o método formal compreende mais algumas características fundamentais:

- (1) Traços distintivos;
- (2) Elementos mínimos;
- (3) Método distribucional;
- (4) Tipologia.

É possível perceber que houve um raciocínio em comum mesmo que os estudiosos estivessem geograficamente e até historicamente distantes. Até aqui, chegamos a Todorov, que fez a ponte entre o método formal e o estrutural e aproximou os estudos linguísticos dos estudos literários. Entretanto, seu modelo não avançou ao nível do discurso, permanecendo somente no nível frasal.

Os estruturalistas

O estruturalismo linguístico europeu se tornou um dos paradigmas fundamentais das ciências humanas, como atestam, por exemplo, os trabalhos de R. Jakobson, de C. Lévi-Strauss, de L. Tesnière, de É. Benveniste, de L. Hjelmslev e, por consequência, de A. J. Greimas.

As razões desse êxito espetacular dependeram essencialmente do fato de que o estruturalismo apresentou-se como um método rigoroso que podia ocasionar esperanças a respeito de certos progressos decisivos no rumo da ciência; mas também simultaneamente, e de um modo mais fundamental, do fato de que o estruturalismo constituiu um momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica. (DOSSE, 1993, p. 13)

Pinto (2009, p. 8) nos apresenta alguns dos princípios de epistemologia estruturalista, aproximando a noção de estrutura em ciências humanas a de conjunto em matemática: “um todo constituído por partes articuladas. As partes são chamadas elementos, as articulações definidas por uma expressão indicadora de relações, por meio da qual é possível obter qualquer elemento do conjunto. Esta expressão recebe o nome de modelo”. Entre os princípios estruturalistas destacaremos dois:

- (1) **A noção de pertinência:** considerar como relevantes apenas alguns determinados elementos, que são incorporados, deixando de lado outros como irrelevantes;
- (2) **A noção de combinatória:** a partir dos elementos e do modelo pode-se reconstruir teoricamente o todo.

O conceito de nível de descrição, apresentado por Barthes (2009, p. 25-26), consiste em primeiramente compreender que uma narrativa não é “uma simples soma de proposições e classificar a massa enorme de elementos que entram na composição de uma narrativa”. Esses níveis se apresentam numa relação hierárquica. “Toda unidade que pertence a um certo nível só tomará uma significação caso se possa integrar em um nível superior. [...] Qualquer que seja o número dos níveis propostos e qualquer definição que se dê, não se pode duvidar que a narrativa seja uma hierarquia de instâncias.” Barthes identifica a aplicação desse conceito nas obras de Lévi-Strauss e Todorov. Lévi-Strauss buscou na linguística um modelo de cientificidade:

Os êxitos crescentes do método fonológico traduzem a existência de um sistema eficaz do qual a antropologia pode extrair lições essenciais para aplicá-las ao campo complexo do social. Lévi-Strauss vai, portanto, retomar por conta própria, quase termo a termo, os paradigmas básicos desse sistema. A fonologia tem por objetivo ultrapassar o estágio dos fenômenos linguísticos conscientes, não se contenta em considerar os termos em sua especificidade, mas entende apreendê-los em suas relações interna; introduz a noção de sistema e visa à construção de leis gerais. Toda a abordagem estruturalista se insere nessa ambição. (DOSSE, 1993, p. 42)

Segundo Lévi-Strauss, o sistema de parentesco é em si uma linguagem. Sobre os resultados da aplicação do método estruturalista nos estudos do antropólogo francês, Dosse (1993, p. 40) conclui:

Na busca de invariantes que possam explicar universais nas práticas sociais, Lévi-Strauss encontra a proibição do incesto, comportamento imutável para além da diversidade das sociedades humanas. [...] A revolução lévi-straussiana consiste em desbiologizar o fenômeno, em retirá-lo tanto do esquema simples da consanguinidade quanto de considerações morais etnocêntricas. A hipótese estruturalista procede aí a um deslocamento do objeto para restituir-lhe plenamente o seu caráter de transação de comunicação que se instaura na aliança matrimonial. Situa as relações de parentesco como base primeira da reprodução social.

Dosse (1993) afirma ainda que existem pelo menos três estruturalismos:

- (1) **Estruturalismo científico:** representado principalmente por Claude Lévi-Strauss, Algirdas-Julien Greimas ou Jacques Lacan e envolvendo ao mesmo tempo, portanto, a antropologia a semiótica e a psicanálise;
- (2) **Estruturalismo flexível:** com Roland Barthes, Gérard Genette, Tzvetan Todorov ou Michel Serres, e que se poderia qualificar de estruturalismo semiológico;
- (3) **Estruturalismo historicizado ou epistêmico:** no qual se encontrariam inseridos Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-Pierre Vernant e, mais amplamente, a terceira geração dos *Annales*.

Entre os pontos negativos do método estrutural, Pinto (2009, p. 13) identifica dois principais:

- (1) **Pulverização:** consiste numa fragmentação excessiva do todo na ilusão de alcançar maior “profundidade” ou de esgotar suas possibilidades interpretativas, sem haver estabelecido aprioristicamente os modelos conceituais pertinentes para tal fragmentação, misturando de modo arbitrário cosmologias e mitologias ou delimitando-as de maneira imprecisa.
- (2) **Normatividade:** consiste na descrição superficial (no mau sentido da palavra) das estruturas aparentes, sem possibilidade de generalização conceitual, mesmo quando emprega técnicas refinadas como a estatística.

Bremond, em sua obra *Logique du récit* (1973), além de nos apresentar sua própria teoria de análise de narrativas, fez um estudo detalhado dos trabalhos de Propp, Todorov, Dundes, Bédier e Greimas.

Sobre Propp, Bremond (1971, p. 12-13) afirma que, ele estudou apenas uma camada da significação autônoma que pode ser isolada de seu conjunto: a narrativa. Bremond apontou dificuldades na classificação formalista e concluiu que não é possível analisar as narrativas pelo seu todo, sugerindo que se faça uma análise de seus elementos.

Bremond afirma que A. Dundes é uma exceção ao basear sua pesquisa na obra proppiana sem introduzir, no entanto, modificações teóricas radicais aos princípios de análise estabelecidos por Propp. Além disso, “ele dá ao método uma flexibilidade e uma fecundidade inesperadas” (BREMOND, 1971, p. 109). Entre as contribuições de A. Dundes ao modelo proppiano, Bremond destacou a maneira diferente na qual Dundes agrupou as funções chegando a conclusão de que elas ocorrem em pares, correspondendo a primeira a um desequilíbrio e a segunda a retomada do equilíbrio.

A análise de A. Dundes seduz imediatamente pela sua clareza e sua economia: seis pares de motivemas bastam praticamente para coordenar um material de uma diversidade aparentemente não dominável. Os esquemas estruturais que daí resultam têm sobre o de Propp, a vantagem de realizar várias sequências, ao mesmo tempo autônomas e combináveis entre si, portanto aptas a engendrar tipos de narrativas diferentes embora procedentes da uma mesma matriz. [...] Em contrapartida, A. Dundes tem por vezes, tendência a simplificar os problemas, e a dar-lhe frequentemente soluções aproximativas [...]. Esta deficiência se faz sentir primeiro na procura de uma definição das unidades narrativas de base. (BREMOND, 1971, p. 115)

Sobre o trabalho de Greimas, Bremond (1973, p. 102), nos ofereceu uma revisão do modelo constitucional contido na obra *Semântica estrutural* (1973[1966]) e afirmou que a obra se funda em três princípios:

- (1) Définition du récit comme un message qui énonce le devenir d’un sujet; d’où, chez tous, l’enracinement de la grammaire (ou de la logique) du récit dans une grammaire (ou une logique) de la relation sujet – prédicat;
- (2) Distinction entre deux plans de structuration du récit, correspondant, dans la terminologie d’A. -J. Greimas, l’un au niveau immanent des structures narratives, l’autre au niveau apparent des structures linguistiques; dans celle de T. Todorov, à l’opposition de *l’histoire* et du *discours*; dans la nôtre, à la dichotomie du récit *raconté* et du récit *racontant*;
- (3) Croyance en la possibilité d’articuler la suite des événements racontés en séquences d’actions (les ‘fonctions’ de Propp) dont certaines au moins pourraient prendre place dans un lexique universel de la narrativité; croyance en la possibilité de dégager les règles, elles-mêmes universelles, de combinaison de ces unités.

Bremond ainda retomou os estudos de Todorov em torno da Narratologia que propõe distinguir em todo discurso três aspectos:

- (1) **Semântico:** foco nos temas do discurso;
- (2) **Sintático:** estuda as combinações das unidades e as relações mútuas e internas;
- (3) **Verbal:** são as frases em si, a textualização do discurso.

Todorov se aprofundou no 2º aspecto e desenvolveu uma “gramática da narrativa”, utilizando a própria gramática como metáfora, na qual utiliza categorias de análise como “nomes próprios”, que correspondem aos sujeitos do enunciado; “adjetivos”, que correspondem aos predicados; e os “verbos”, que modificam as situações.

C. Bremond buscou desenvolver, com base nos estudos que ele analisou, mas principalmente nos de Propp e de Dundes, um modelo formal aplicável a todo tipo de narrativa. Detectou problemas em relação à quantidade de funções proppianas e sua ordem e chegou à conclusão que uma narrativa é um conjunto de elementos e são esses elementos que devem ser analisados. Ele desenvolveu um método de análise baseado, então, na lógica dos possíveis narrativos, na qual toda narrativa parte de uma possibilidade rumo a uma atualização e um resultado. Bremond defendeu a importância do perspectivismo no momento da análise já que é sempre necessário delimitar um ponto de vista.

As contribuições

Após ler criticamente os trabalhos dos autores acima citados, percebemos que, mesmo tendo como objeto de estudo a narrativa, ora intencionavam encontrar regularidades específicas, ora gerais. Compreendemos, então, que a Semiótica Narrativa, que pode ser aplicada a narrativas em geral, foi se construindo a partir de diferentes concepções, que tinham como pano de fundo a busca por compreender a regularidade narrativa. Com a finalidade de fazer um breve panorama sobre as principais teorias que tiveram algo em comum com a Semiótica Narrativa de Greimas, destacamos as principais características que redundaram nos estudos que consultamos:

- (1) A análise a partir da dimensão interna do texto;
- (2) A importância da coerência da forma;
- (3) A consciência da necessidade de se assumir um ponto de vista;
- (4) O fato de que os gêneros devem ser analisados no seu sistema;
- (5) A ideia de funcionamento;
- (6) A noção de organização das narrativas;
- (7) Análise a partir de traços distintivos e de elementos mínimos;
- (8) A aplicação do método distribucional;
- (9) A noção de pertinência;
- (10) Tipologia utilizada em análises linguísticas.

Alguns conceitos, que fazem parte da Semiótica Narrativa, foram ao longo do tempo se modificando até que tomassem a forma final que conhecemos na teoria semiótica. É pos-

sível apontar alguns conceitos de base que tiveram investimentos diferentes de acordo com o teórico, o objeto ou o método empregado. Conceitos como: sujeito, predicado, transformação, função, tema, motivo têm diversas acepções dependendo da teoria em que se encontram.

Como principal influência estruturalista no trabalho greimasiano, temos o antropólogo francês Lévi-Strauss, que publicou, em 1960, *A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de V. Propp*, uma crítica ao modelo proppiano. Segundo Greimas (1979 [1976], p. 11), Lévi-Strauss foi o “primeiro a chamar a atenção dos investigadores para a existência das projeções paradigmáticas que recobrem o desenvolvimento sintagmático da narrativa proppiana, e a insistir na necessidade de proceder por acoplamentos de ‘funções’” e a partir dessa ideia afirma que essas unidades paradigmáticas desempenham o papel organizador da narrativa. O acoplamento de funções sugerido por Lévi-Strauss consiste em relacionar as funções aos seus inversos, por exemplo, partida vs retorno. Greimas assumiu, então, que a “armação relacional organizadora” da narrativa substitui a definição proppiana de sucessão de funções. O trabalho de Lévi-Strauss também se opõe ao de Propp por apresentar um modelo não linear, acrônico, que prioriza o aspecto paradigmático e aponta para a variação da estrutura narrativa.

Lorsque à son tour A. J. Greimas propose son premier modèle d’analyse du récit (*Sémantique structurale*, p. 172 à 222), sa propre recherche se situe au confluent des réflexions de V. Propp sur le conte populaire merveilleux et des analyses de Cl. Lévi-Strauss sur le récit mythique. On pourrait faire apparaître que le mode d’interprétation du récit alors proposé est très clairement un alliage de la théorie des fonctions proppiennes et de la formule lévi-straussienne de mise en parallèle de deux catégories sémantiques. Mais on verra aussi que cette “contamination” est un effet de sens superficiel et qu’il y a beaucoup plus dans la solution greimassienne que la somme des deux théories antécédentes. (HÉNAULT, 1983, p. 22)

Greimas desenvolveu então a proposta de uma análise estrutural que pode ser aplicada não somente a um tipo específico de narrativa, mas ao mundo natural, desde que o consideremos enquanto narrativa. Nessa etapa de seu percurso, Greimas afirmou que a narrativa contém dois níveis:

Um nível aparente da narração, onde as diversas manifestações desta se submetem a exigências específicas das substâncias linguísticas através das quais ela se exprime; e um nível imanente, que constitui uma espécie de tronco estrutural comum, onde a narratividade se encontra situada e organizada anteriormente a sua manifestação. Um nível semiótico comum se distingue, portanto, do nível linguístico e lhe é logicamente anterior, seja qual for a língua escolhida para a manifestação. (GREIMAS, 1975, p. 145)

Segundo Greimas (1975, p. 147), essa “estrutura elementar de significação fornece o modelo semiótico capaz de dar conta das primeiras articulações do sentido no interior de um microuniverso semântico”. Essas operações são sempre lógicas, orientadas e ordenadas. O autor afirma que toda operação da gramática fundamental pode ser convertida em um enunciado narrativo.

No nível mais superficial, a sintaxe narrativa apresenta as estruturas que determinam as transformações e ações do sujeito na história. É o momento em que identificamos a sequência canônica da narrativa e o modelo actancial.

Identificamos que a teoria partiu de modelos voltados para o conteúdo das narrativas com o objetivo de compreender as origens históricas, passando por modelos que intencionavam apenas uma tipologia geral das narrativas até chegar à semiótica narrativa, que propõe a análise de narrativas em geral e não somente de textos verbais. Percebemos que, de fato, a Semiótica é uma disciplina de construção em conjunto. É um raciocínio que tem respaldo e até mesmo certa coerência histórica. Um dos fatos mais interessantes é o de que os autores envolvidos no desenvolvimento da teoria leram-se e criticaram-se e assim, conservaram viva a discussão em torno da teoria e do método de análise.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U.; MORIN, V.; GRITTI, J.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 300 p.

BÉDIER, J. *Les Fabliaux*. 6. ed. Paris : Honoré Champion, 1964 [1893].

BREMOND, C. Posteridade Americana de Propp. In: TODOROV, T.; BREMOND, C.; FRIEDMANN, G.; BOON, J-P.; DUBOIS, J.; SUMPF, J.; BARTHES, R.; LANTERI-LAURA, G.; TARDY, M. *Semiologia e Linguística*. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassallo e Moacy Cirne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. p. 108-139.

_____. *Logique du récit*. Paris: Éditions Du Seuil, 1973. 350 p.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo 1945/1966*. Tradução de Álvaro Cabral. 2 vol. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. 447 p.

DUNDES, A. *Morfologia e estrutura no conto folclórico*. Tradução de Lúcia Helena Ferraz, Francisca Teixeira e Sérgio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 1996 [1962]. 331 p.

EIKHENBAUM, B.; CHKLOVSKI, V.; JAKOBSON, R.; TOMACHEVSKI, T. ; JIRMUNSKI, V.; PROPP, V.; BRIK, O.; TYNIANOV, Y.; VINOGRADOV, V. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Maria Ribeiro et al. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1971. 279 p.

HÉNAULT, A. *Narratologie, sémiotique générale: les enjeux de la sémiotique*. v. 2. Paris: PUF, 1983. 223 p.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966]. 330 p.

_____. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar, Ana Maria Sampaio Fernandes, Katia Hakim Chalita, Clara de Andrade Alvim e Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1975. 296 p.

_____. As aquisições e os projetos. In: COURTÉS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Tradução de Norma Backes Tasca. Coimbra: Livraria Almedina, 1979 [1976]. p. 7-34.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignácio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sembrá e Tiekoyamaguchi Miyazaki I. São Paulo: Contexto, 2008. 543 p.

JOLLES, A. *Formes simples*. Tradução de Antoine Marie Buguet. Paris: Éditions du Seuil, 1972 [1929]. 213 p.

LÉVI-STRAUSS, C. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1974. 452 p.

_____. A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de V. Propp. In: PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1960]. p. 201-233.

MELETÍNSKI, E. M. O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso. In: PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 157-200.

PINTO, M. J. A mensagem Narrativa. In: BARTHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U.; MORIN, V.; GRITTI, J.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 07-17

PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1928].

_____. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Tradução: Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1946]. 471 p.

_____. *Édipo à luz do folclore: quatro estudos de etnografia histórico-cultural*. Tradução de António da Silva Lopes. Lisboa: Vega, 1980. 202 p.

TODOROV, T.; BREMOND, C.; FRIEDMANN, G.; BOON, J-P.; DUBOIS, J.; SUMPFF, J.; BARTHES, R.; LANTERI-LAURA, G.; TARDY, M. *Semiologia e Linguística*. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassallo e Moacyr Cirne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. 219 p.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008 [1968]. 205 p.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B.; CHKLOVSKI, V.; JAKOBSON, R.; TOMACHEVSKI, T.; JIRMUNSKI, V.; PROPP, V.; BRIK, O.; TYNIANOV, Y.; VINOGRADOV, V. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Maria Ribeiro et al. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1971 [1925]. p. 169-204.